O Itinerário de Gaspar da Silva na imprensa paulista em fins do século XIX: mediador cultural entre Brasil e Portugal*

Gaspar da Silva's itinerary in the São Paulo press at the end of the 19th century: a cultural mediator between Brazil and Portugal

Célia Regina da Silveira **
Universidade Estadual de Londrina

Resumo

A atuação de portugueses na imprensa brasileira foi profusa durante quase todo o século XIX, ora como colaboradores, ora como fundadores de jornais e revistas literárias. Um dos nomes d'além-mar que aportou no Brasil em 1876 – tendo participado ativamente das discussões político-literárias das últimas décadas do século XIX – foi o de Gaspar da Silva (1855-1910). Além de livreiro na cidade de Campinas (SP), foi um atuante divulgador das letras lusitanas nas páginas de diversos jornais paulistas. E ainda difundiu obras de escritores brasileiros na imprensa portuguesa. Com o lisboeta Leo da Fonseca, fundou, em São Paulo, um dos jornais considerados mais afeitos às questões literárias de São Paulo na época – *O Diário Mercantil* (1884-1890). De volta a Portugal, em 1890, o jornalista faria o caminho inverso: atuaria como divulgador do Brasil em Portugal, tanto por meio de artigos publicados na imprensa lisboeta, quanto mediante a publicação de livros que tratavam do Brasil, como *A Revolução do Brasil* (1894) e *O Brasil actual* (1895). E ainda produziu obras que reservavam espaço significativo para os letrados brasileiros, como o livro *A pasta d'um jornalista*: escritos políticos, literários e biográficos (1908) – acompanhado de um "Antelóquio" de Abel Botelho –, no qual traçou pequenas biografias de homens ligados ao círculo das letras no Brasil, como Ferreira de Araújo, Assis Brasil, Fontoura Xavier e Furtado Coelho (ator de origem portuguesa). Quanto à atuação direta na imprensa lisboeta, em fins da década de 1890, foi diretor da *Edição Quinzenal Illustrada* (1897-1898), extensão lusa do *Jornal do Brasil* (1891-2012). A

Abstract

The role of Portuguese in the Brazilian press was profuse during most of the nineteenth century, either as employees or as founders of newspapers and literary magazines. Gaspar da Silva (1855-1910) was one of the names from Portugal that came to Brazil in 1876 - having participated actively in the political-literary discussions of the last decades of the 19th century. In addition to being a bookseller in the city of Campinas (SP), Da Silva was an active promoter of Lusitanian writings on the pages of several São Paulo newspapers and also spread works by Brazilian writers in the Portuguese press. With the Lisboner Leo Fonseca, Da Silva founded, in São Paulo, one of the newspapers considered more affectionate to São Paulo literature at that time – *O Diário Mercantil* (1884-1890). Back to Portugal in 1890, the journalist would act in the other direction: he would be a promoter of Brazil in Portugal, either through articles published in the Lisboner press and through the publication of books about Brazil, such as *A Revolução do Brasil* (1894) and *O Brasil actual* (1895). Da Silva also produced works that reserved significant space for Brazilian writers, such as the book *A pasta d'um jornalista: escritos políticos, literários e biográficos* (1908) - accompanied by a "foreword" by Abel Botelho - in which he exposed small biographies of men related to the letters' universe in Brazil, such as Ferreira de Araújo, Assis Brasil, Fontoura Xavier and Furtado Coelho (actor of Portuguese origin). As for the direct work in the Lisboner press, in the late 1890s, he was

* Este artigo em parte descende da pesquisa realizada no pós-doutorado, intitulada "A trajetória de Gaspar da Silva na imprensa luso-brasileira de fins do século XIX: mediador cultura entre os dois lados do Atlântico", sob a supervisão da Profª. Drª. Tania de Luca, entre abril de 2016 e março de 2017, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Assis. E, também, valeu-se de muitos dos dados obtidos na pesquisa relativa ao atual projeto de pesquisa "*O Diário Mercantil*, 1885-1889: Conexões entre Brasil e Portugal", em desenvolvimento na Universidade Estadual de Londrina – UEL.

** Professora Associada do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR.

despeito dessa farta atuação nas imprensas brasileira e portuguesa, seu nome e sua importância como mediador cultural entre Brasil e Portugal e vice-versa foram obscurecidos pela memória histórica. Para este artigo, privilegiou-se (re) compor o início da trajetória de Gaspar da Silva na imprensa brasileira, em específico na paulista, objetivando mostrar as mediações culturais por ele encetadas no universo letrado paulista.

Palavras-chave: Gaspar da Silva; imprensa luso-brasileira; jornais paulistas; mediador cultural.

the director of the *Edição Quinzenal Illustrada* (1897-1898), Portuguese extension of *Jornal do Brasil* (1891-2012). In spite of this abundant work in the Brazilian and Portuguese presses, Da Silva's name and his importance as a cultural mediator between Brazil and Portugal and vice versa were dimmed by the historical memory. For this article, we focused on (re) composing the beginning of Gaspar da Silva's trajectory in the Brazilian press, specifically in São Paulo, aiming at showing the cultural mediations he initiated in the literate universe of São Paulo.

Keywords: Gaspar da Silva; Portuguese-Brazilian press; newspapers from São Paulo; cultural mediator.

● **Enviado em: 04/06/2019**
● **Aprovado em: 31/07/2019**

A circulação de mercadorias, impressos, homens e ideias no "longo século XIX" (1780-1914) – para usar a expressão de Eric Hobsbawm[1] –, em escala transnacional, ensejou a ampliação e o aprofundamento dos estudos dessa temática na historiografia e na teoria literária, nos âmbitos nacional e internacional, nas últimas décadas. Principalmente, engendrou uma preocupação dos estudiosos em trabalhar de maneira cooperativa, pois a própria natureza do objeto, demarcada pelas idas e vindas de elementos culturais (livros, jornais, revistas, panfletos etc.) e de homens (livreiros, editores, jornalistas) em diversas direções, tem fortalecido os vínculos entre pesquisadores de vários países, a fim de compreender as práticas culturais inerentes aos processos de circulação de ideias em nível transnacional. Exemplo disso é o projeto de cooperação internacional *A circulação transatlântica dos impressos*: *a globalização da cultura no século XIX*, que envolve pesquisadores de diversos países, como Brasil, França, Inglaterra e Portugal, sob a coordenação de Márcia Abreu (Unicamp – Universidade Estadual de Campinas) e Jean-Yves

[1] O "longo século XIX", denominação cunhada por Eric Hobsbawm, compreende o período entre a década de 1780 (marcada pelas Revoluções Industrial e Francesa) e 1914 (início da Primeira Guerra Mundial). Ver: HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções* (1789-1848). Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Do mesmo autor também são: *A Era do Capital* (1848-1875). Trad. Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002; *A Era dos Impérios* (1875-1914). Trad. Siene Maria Campos e Yolanda de Todelo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Mollier (Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines).[2] A questão central que permeia as pesquisas dos integrantes do grupo – que lançam mão de recortes, abordagens e fontes impressas diversas – refere-se às conexões estabelecidas pelas viagens dos impressos e de homens pelos oceanos:

> Não se deve pensar que o trânsito da produção editorial inglesa, francesa, portuguesa e brasileira oitocentista seguia um fluxo unidirecional, da Inglaterra e França para Portugal e, de lá para o Brasil. Pelo contrário, os impressos, as pessoas e as ideias circulavam entre estes diferentes lugares.[3]

No universo amplo de estrangeiros que se dirigiram para o Brasil no século XIX, houve aqueles que vieram na condição de livreiros-editores: Paulo Martin (português); os irmãos Laemmert (alemães); Bossange, Plancher, Villeneuve, Aillaud, Garnier e A L. Garraux (franceses), só para lembrar os nomes mais expressivos na atividade editorial livresca. Esses livreiros-editores têm sido tema de estudo de vários historiadores ligados à história do livro.[4] Ao traçarem suas trajetórias, salientam, a um só tempo, o papel de negociantes e mediadores culturais, ou seja, de agentes que, por meio da difusão e da divulgação de livros, retiram as culturas de seus lugares e as aproximam dos leitores, sejam eles ativos ou potenciais.

Nesse conjunto de estrangeiros que atuaram no Brasil como mediadores culturais, podemos incluir o português Gaspar da Silva. A despeito de uma experiência como livreiro na cidade de Campinas (SP), onde foi proprietário da Livraria Internacional entre 1877 e 1878,[5] essa atividade ocuparia um curto espaço de tempo em sua trajetória nos trópicos, nos quais permaneceu por quase quinze anos (de 1876 a 1890). Nesse período, sua atuação concentrou-se fundamentalmente nas contendas da imprensa, fosse como colaborador de diversos

---

2 ABREU, Márcia; MOLLIER, Jean-Yves. *A circulação transatlântica dos impressos:* a globalização da cultura no século XIX. Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/. Acesso em: 8 de janeiro de 2019.

3 Id. ib., p. 11.

4 A produção acerca de editores-livreiros estrangeiros que atuaram no Brasil oitocentista é ampla e cada vez mais vem suscitando interesse e trabalhos acadêmicos. Além da obra pioneira e de referência de Laurence Hallewell, *O livro no Brasil.* São Paulo: Edusp, 1985, consultar também: NEVES, Lúcia Bastos; FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz. Livreiros no Rio de Janeiro: intermediários culturais entre Brasil e Portugal. In: *3º. Colóquio do Polo de Pesquisas de Relações Luso-Brasileiras* – Entre Iluminados e Românticos, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/coloquio/3 coloquio outubro/paginas/16.htm)>. Acesso em: 15 de janeiro de 2015. Das mesmas autoras: Trajetórias de livreiros no Rio de Janeiro: João Roberto Bourgeois e Paulo Martin – livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do oitocentos. *X Congresso Regional da ANPUH do Rio de Janeiro,* 2002. Disponível em: <http://209.85.229.132/www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Mesas/Neves>. Acesso em: 8 de setembro de 2018. Ver ainda: DUTRA, Eliane. Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil:* dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Edunesp, 2010; DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos livros:* instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2011.

5 Ver: SILVEIRA, Célia Regina da. A imprensa paulista na década de 1870: *locus* de divulgação e circulação de impressos. *Revista de História Regional.* v. 21, n. 2 (2016), p. 530-550. http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/9149

jornais, como a *Província de São Paulo*, fosse como proprietário e diretor d'o *Diário Mercantil* (1874-1890). Nessa atividade exercida por homens de letras – a imprensa –, Gaspar da Silva divulgou muito do repertório e dos debates da literatura portuguesa da época. Também trilhou o caminho inverso: divulgou a literatura brasileira em Portugal, especialmente quando foi diretor da *Edicão Quinzenal Ilustrada* (1897-1898), extensão lusa do *Jornal do Brasil*, editada em Lisboa. Desse modo, o presente artigo é concebido sob a perspectiva das conexões e interações entre Brasil e Portugal e vice-versa. A nosso ver, os escritos e ações de Gaspar na imprensa dos dois países mostraram como se deram as apropriações e interlocuções entre os dois lados do Atlântico. Ou seja, de que maneira integraram e agiram no universo das letras luso-brasileiras.

Os caminhos e rotas dos livreiros, impressos e dos homens foram múltiplos. Do mesmo modo que europeus desenvolveram empreendimentos de negócios e experiências culturais no Brasil – como os livreiros acima mencionados e o jornalista Gaspar da Silva –, tivemos a circulação de muitos periódicos e revistas estrangeiras no Brasil, sobretudo francesas. Só para dar um exemplo, a *Revue des Deux Mondes* foi um periódico internacional que circulou no Brasil desde a década de 1830 e teve um importante papel de atualização acerca das novidades literárias e dos debates políticos na Europa, voltado para a elite letrada brasileira. A *Revue* igualmente divulgava temas relacionados à América do Sul para o leitorado europeu.[6] As revistas femininas *A Marmota Fluminense*, *Jornal da Família* e *Estação*, publicadas na segunda metade do século XIX, são híbridas quanto à produção e à circulação, tendo envolvido pessoas e empresas francesas, brasileiras e alemãs.[7] Outra rota pode ser assinalada: periódicos de brasileiros, editados em Paris, como o empreendimento de Mariano Pina (1860-1889) denominado *A Ilustração – revista de Portugal e do Brasil*, que circulou em Portugal e em terras nacionais, entre 1884 e 1892.[8]

---

6 CAMARGO, Katia Aily Franco de. "Leitores e questões identitárias no Brasil oitocentista". In: *Revista Porto,* v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: < https://periodicos.ufrn.br/porto/article/view/2193)>. Acesso em: 2 de novembro de 2015. Ver também: PRADO, Maria Lígia Coelho. Leituras políticas e circulação entre a França e as Américas: Francisco Bilbão e a Revue des Deux Mondes. In: BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia (Orgs). *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas.* Assis: FCL-Assis – UNESP Publicações; São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas – FFLCH – USP, 2010. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/Intercambios_Politicos_-_e-book.pdf)>. Acesso em: 3 de outubro de 2018.

7 Consultar: SURIANE, Ana Cláudia. Propostas de uma metodologia para o estudo da relação entre literatura e moda no século XIX numa perspectiva transnacional a partir de revistas de moda e fotografias. (disponível:http://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre. Consultado em 1 de novembro de 2018.

8 Ver: LUCA, Tania de. A Ilustração (1884-1892): algumas questões teórico-metodológicas. In: ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa M. *A circulação transatlântica dos impressos:* conexões. Campinas, SP: Unicamp/IEL, 2014. Disponível em:

Esses são alguns poucos exemplos que mostram como os caminhos dos impressos e da circulação de ideias foram múltiplos, e não unidirecionais – da Europa para o Brasil –, mas também no sentido inverso – do Brasil para a Europa. Gaspar da Silva pode ser visto como um homem que trilhou as duas rotas: da Europa para o Brasil e do Brasil para a Europa. No estudo de sua trajetória na imprensa luso-brasileira, intentou-se (re)compor sua atuação no horizonte específico dos valores culturais de cada país, mas sem perder de vista a ideia de que as interlocuções estabelecidas, em alguma medida, interferiram nas discussões do cenário político-cultural de cada nação – ou seja, a formação das identidades encontra-se além das fronteiras nacionais. Conforme a pesquisa realizada, Gaspar da Silva foi um dos agentes desse processo.

No decorrer de sua vida, teve seu nome associado à "profissão" de jornalista. Gaspar da Silva Barbosa Boaventura, seu nome de batismo, nasceu em Lamego, em 1855, conforme certidão de nascimento (consultada na Torre do Tombo). Por ocasião de sua morte, em 1910, em Sintra, sua identificação profissional na certidão de óbito consta como a de "jornalista". Vejamos:

> Aos quinze dias do mês de novembro do anno mil novecentos e dez, às onze horas da manhã, no Campo Baixo desta freguesia de Santa Maria e São Miguel do concelho de Cintra e Patriarchado de Lisboa, faleceu não tendo recebido a extrema-unção da Santa Madre Igreja um indivíduo do sexo masculino, por nome de Boaventura Gaspar da Silva, Visconde de São Boaventura, de edade de cincuenta e cinco anos, **jornalista** e morador nesta freguesia, viuvo de Dona Clotilde Marquois, de nacionalidade francesa, filho legitimo do Doutor Boaventura Barbosa e de Dona Maria Luiza da Costa Barbosa, falecidos. Naturais de Lamego, donde era natural também o falecido, o qual não fez testamento, deixou dois filhos e foi sepultado no cemiterio occidental desta villa (ilegível) em jazido da Familia.[9]

Para além dos dados familiares contidos no texto, destaca-se que foi essencialmente um homem de imprensa. Viveu intensamente as lides dos jornais e foi visto pelos seus coetâneos – fossem os compatriotas, fossem os brasileiros – como jornalista. No Brasil, era considerado como divulgador de Portugal em nossas terras e, em Portugal, como divulgador do Brasil. Esse traço de mediador entre os dois países constituía uma marca importante acerca da forma pela qual era identificado: "Ao eterno defensor do Brazil em Portugal e de

<http://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre. >. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

9 Registros Paroquiais (Sintra/óbitos/1910), nº 49, f. 27. Arquivo Torre do Tombo, Lisboa. É importante registra que, neste artigo, as fontes foram reproduzidas exatamente como no original. Ou seja, manteve-se a ortografia, sintaxe e pontuação originais.

Portugal no Brasil".[10] A ideia de mediador cultural entre os dois lados do Atlântico era a maneira como ele era identificado publicamente. No decorrer deste artigo, procurar-se-á mostrar como sua atuação foi exemplar no que diz respeito às características de um mediador.[11] Para Angela de Castro Gomes, a propósito, a figura do "mediador" não se distingue da do intelectual "criador":

> [...] o intelectual que atua como mediador cultural produz, ele mesmo, novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes. Como esses outros sentidos inscritos em sua produção, aquilo que o intelectual "mediou" torna-se, efetivamente, "outro produto": um bem cultural singular.[12]

A pesquisa buscou, enfim, reconstruir a trajetória intelectual de Gaspar da Silva/Visconde de São Boaventura – forma pela qual passou a se identificar e a assinar seus textos após a nobilitação[13] –, com o objetivo de identificar os lugares e as redes de relações profissionais, afetivas e familiares por ele estabelecidos, bem como os assuntos e debates que desenvolveu tanto no Brasil quanto em Portugal.[14] A seguir, buscamos (re) compor o seu itinerário na imprensa paulista.

---

10 Essa frase é uma citação que consta no Antelóquio escrito por Abel Botelho para o livro *A Pasta d'um jornalista*: escriptos políticos, literários e biographicos (1908), do Visconde de S. Boaventura, que não identifica seu autor, mas diz ter sido um brasileiro "[...] bem eminente na politica e nas letras, enviando-lhe a sua fotografia traçou n'ella esta expressiva dedicatória: 'Ao eterno defensor do Brazil em Portugal e de Portugal no Brazil". Visconde São Boaventura. *A Pasta d'um jornalista:* escriptos políticos, literários e biographicos. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1908, p. 13.

11 GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. *Intelectuais mediadores:* práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

12 Id.ib., p. 18.

13 Quanto a sua nobilitação consta um pequeno verbete na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*: "Foi 1º e único visconde, Boaventura Gaspar da Silva, jornalista, que, depois de acompanhar D. Carlos I na visita que este fez aos Açores em 1891, foi, no ano seguinte (14 dez) agraciado pelo Monarca com este título em sua vida." V. IV, Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa/Rio de Janeiro, p. 789. Localizei a carta de nobilitação nos Livros de Registros de Nobilitação da Torre do Tombo, em Lisboa.

14 A noção de sociabilidade empregada no trabalho de Angela de Castro Gomes foi central para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo a autora: "[...] A noção de lugar de sociabilidade [...] está sendo tomada em uma dupla dimensão. De um lado aquela contida na ideia de 'rede', que remete às estruturas organizacionais, mais ou menos formais, tendo como ponto nodal o fato de se constituírem em lugares de aprendizado e trocas intelectuais, indicando uma dinâmica do movimento de fermentação e circulação das ideias. De outro, aquela contida no que a literatura especializada chama de 'microclimas', que estão secretas nessas redes de sociabilidade intelectual, envolvendo as relações pessoais e profissionais de seus participantes. Ou seja, se os espaços de sociabilidade são 'geográficos', são também 'afetivos', neles se podendo e devendo captar não só os vínculos de amizade/cumplicidade e de competição/hostilidade, como igualmente a marca de uma certa sensibilidade produzida e cimentada por eventos, personalidades ou grupos pessoais". GOMES, Angela de Castro. *Essa Gente do Rio...:* modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 20. Ver também: SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

A produção de uma autoimagem n'*A Província de São Paulo* e as redes de relações de Gaspar da Silva no Brasil

Quais as credenciais, nas esferas jornalística e literária, e que trunfos, em termos de redes de sociabilidade, Gaspar da Silva, então nos seus vinte anos, mobilizou para ser colaborador d'*A Província de São Paulo?* À pesquisa nos jornais *A Província de São Paulo*, na *Gazeta* e no *Diário*, de Campinas (SP), sugeriram algumas pistas.

Partindo dessa indagação, realizei o mapeamento da atuação de Gaspar da Silva nos periódicos citados. Esse caminho possibilitou não só apreender os assuntos, autores e debates veiculados pela pena do jornalista; seus textos também deram indícios a respeito dele próprio e das redes de sociabilidade que ele integrou no universo jornalístico do Brasil e de Portugal.

A primeira publicação de Gaspar da Silva n'*A Província de São Paulo* foi na coluna *Lettras e Artes*, em 15 de março de 1876. Nesse escrito, além de apresentar suas credenciais e sua filiação político-literária, ele externa sua posição como poeta. Observemos:

> Srs. Redactores da Provincia de S. Paulo.
>
> O signatario destas linhas, ex-alumno da Universidade de Coimbra e collaborador de diversos periódicos portuguezes, toma a liberdade de offerecer-lhes para as columnas do seu bem redigido periodico os adjuntos ensaios de poesia social.
> Em Portugal, sr. redactor, o lyrismo estorce-se nas vascas da morte.
> Guerra Junqueiro, o poeta arrebatador da *Morte de d. João*, poema assombroso e inegualavel, foi quem mais profundamente feriu o esquálido e nojento lyrismo.
> As endeixas á lua, os cantos aos olhos das Julietas, as saudações ao mar, tudo isso, que é ôco e vão, desappareceu da poesia portugueza.
> O poeta contemporaneo canta a sociedade, como Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, satyrisa os anachronismos, como Guilherme Braga e Gomes Leal, saúda o Futuro, como Cunha Vianna e Macedo Papança.
> [...]
> Os ensaios que lhe offereço, sr. redactor, são filiados na nova eschola. V. dirá se elles são dignos de apparecer no seu maginifico jornal.
> Sou, como devo de v. – creado fiel
> Gaspar da Silva.[15]

A carta em questão vinha acompanhada da publicação de três poesias da lavra de Gaspar da Silva, que indica a data e o local nos quais as compusera: *Aves Libertas* (Coimbra, 1874), *Affonso XII e Carlos VII* (Paris, 1875) e *No túmulo de um livre pensador* (Paris, 1875). Ao apontar que dois dos poemas foram escritos na capital da França, o autor em estudo parece

15 *Província de São Paulo*, 15 mar. 1876, n. 344, p.1.

ter a intenção de associar sua figura à "modernidade" e à "civilização" que Paris representava para o mundo ocidental da época, além de buscar assinalar que, antes de aportar no Brasil (em janeiro de 1876), havia estado na capital da França. Junto a isso, atrela sua imagem à Universidade de Coimbra, na qual a maior parte da elite política brasileira da primeira metade do século XIX havia se formado[16] — um grande peso simbólico para o Brasil, portanto. Apresenta-se, ainda, como "colaborador de diversos jornais portugueses", ressaltando, por meio dessa indicação, seu contato com os letrados lusitanos. Aventa-se, a princípio, a hipótese de que foi com esse capital simbólico que Gaspar da Silva ingressou n'*A Província de São Paulo*, a qual tinha somente um ano de existência, era propriedade de uma sociedade comanditária e tinha como redatores Américo de Campos e F. Rangel Pestana, ambos sob a gerência do português José Maria Lisboa.

O texto de Gaspar da Silva há pouco reproduzido não permite saber de quais periódicos portugueses ele havia sido colaborador. No entanto, tivemos acesso a essa informação em um artigo da *Gazeta de Campinas,* que publicou, em maio de 1876, na coluna *Artes e Letras*, um texto intitulado *Perfil biographico de Gaspar da Silva,* originalmente impresso no jornal *Mercantil*, de Petrópolis, e assinado por Cezar Augusto Ribeiro, um jovem folhetinista. O tom do *Perfil...* é de exaltação:

> Aos 17 annos escreveu energicamente a defesa de Vieira de Castro, publicando-a em um pamphleto, que mereceu os aplausos de Camilo Castello Branco, Guilherme Braga e outros escriptores abalisados.
> [...]
> Foi colaborador do *Imparcial*, da *Tribuna*, do *Mundo Novo*, *Diario da Tarde* e de outros periodicos em Portugal.
> Usou de varios pseudonymos e fustigou sempre a reação e a realeza, com especialidade quando redactor da *Republica*.
> Camilo Castelo Branco, Gomes Leal, Julio Cezar Machado e outros litterarios afamados chamam-lhe – *seu ilustre discípulo*. Guerra Junqueiro, Teophilo Braga, Anthero de Quental, etc. tratam-no por *o nosso bom amigo*, o nosso heroico companheiro. Veem pois que seu talento foi em parte recompensado.[17]

Note-se que Gaspar é associado a autores portugueses bastante conhecidos do público (tanto português quanto brasileiro), sobretudo Guerra Junqueiro, Camilo Castelo Branco e Teófilo Braga, cujas produções figuraram nas páginas dos jornais paulistas. Com base nesses indícios, é possível afirmar que o autor aqui em foco investiu na construção de uma

16 Ver: CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da ordem:* a elite política imperial. *Teatro de sombras:* a política imperial. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Relumé-Dumará, 1996.

17 *Gazeta de Campinas*, 10 maio 1876, n. 741, p.1, (grifos do original).

autoimagem positiva: a de um letrado benquisto pelos escritores mais afamados de Portugal na época.

O perfil biográfico reproduzido acima foi publicado na *Gazeta de Campinas,* a pedido de Gaspar da Silva, por meio de carta ao gerente desse jornal. Isso se deu em razão de seu primeiro texto (citado anteriormente e no qual defende a poesia social em detrimento da poesia lírica) ter causado uma polêmica marcada pela publicação de uma série de textos – que não será analisada aqui, por merecer um tratamento específico. Dessa controvérsia, participou Abílio Marques, gerente do jornal campineiro. Na ocasião, no intento de depreciar a imagem de seu contendor, Marques tornou públicas as duas cartas que Gaspar da Silva lhe havia remetido. Reproduzo, aqui, a segunda carta, que vinha acompanhada de um exemplar do *Mercantil*, de Petrópolis:

> Meu caro sr. Abílio – O Lisboa pede-me que expeça para essa redação o exemplar do 'Mercantil', que publicou 'minha biographia' e que em nome d'elle exija a reprodução na 'Gazeta'. Seu criado GASPAR DA SILVA. [18]

Fica, pois, evidente que Gaspar da Silva buscou estratégias para se autopromover. Após aquele primeiro escrito publicado n'*A Província de São Paulo,* ele passou a assinar vários dos textos da coluna *Letras e Artes*, sob os títulos *Cartas de um emigrado* e *Ao correr da pena*. E, na seção *Exterior*, passou a publicar a *Revista de Portugal*. No texto inaugural dessa seção, ele afirma:

> São tão estreitas, tão intimas as relações, que ligam o florescente império americano ao tradicional paiz do extremo occidente europeu, que julgamos prestar bom serviço aos assignantes e leitores da *Provincia*, dando-lhes regularmente uma revista dos factos de maior vulto ocorridos na pátria de Alvares Cabral.[19]

Enfim, Gaspar da Silva inseriu-se no grupo d'*A Província de São Paulo* como colaborador, no intuito de atualizar as notícias sobre os lançamentos de livros e sobre a conjuntura política de Portugal. Tinha como colega Lúcio de Mendonça, que, além de colaborar com textos, foi tradutor de muitos dos folhetins estrangeiros publicados no rodapé do jornal e autor de dois livros de poesias: *Névoas Matutinas* (1872) e *Alvoradas* (1875), ambos publicados pelo livreiro Garnier, do Rio de Janeiro. Em 1876, os dois fundaram uma revista literária semanal, intitulada *República das Letras*, cujo anúncio de publicação relativo

[18] *Gazeta de Campinas*, 2 ago. 1876, n. 808, p. 1 (destaque do original).
[19] *A Província de São Paulo***.** 14 mai. 1876, p. 1.

ao primeiro número saiu em 1º de abril de 1876, trazendo o sumário e os locais de venda. Assinam os textos dessa edição de estreia: Américo de Campos, Lúcio de Mendonça, Gaspar da Silva, João Penha e Guilherme Braga. Cabe salientar que houve aí a colaboração de autores brasileiros e portugueses. Acompanhamos os anúncios dessa revista, e tudo indica que não foi longeva: viveu apenas oito números. E em todos eles temos a publicação de autores nacionais e portugueses. Uma informação importante: no sexto e no sétimo números, publicaram-se o primeiro e o segundo capítulos do romance *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queiroz.[20]

Além de divulgar autores portugueses, por meio da publicação de seus escritos e de resenhas de obras recém-lançadas em Portugal, Gaspar da Silva, em seu primeiro ano no Brasil, publicou um livro: *Antes de soprar a luz*: *um mosaico por Gaspar da Silva*, que foi anunciado nos três jornais pesquisados. Uso aqui o anúncio publicado no *Diário de Campinas*, em 12 de agosto de 1876. A identificação do autor, no reclame, aparece da seguinte forma: "Redactor da *Republica das Lettras* e colaborador do *Diário de Campinas* e da *Província de S. Paulo*".[21] Nessa ocasião, havia mais ou menos sete meses que Gaspar da Silva aportara no Brasil. Com isso, deseja-se salientar que ele se integrou rapidamente ao grupo da imprensa paulista de credo republicano. Acerca dessa inserção, não se pode desprezar o empenho do autor na produção de sua autoimagem, tanto mediante a mobilização de representações em torno da tradição, personificada na Universidade de Coimbra, quanto por meio de representações literárias e políticas modernas – o Realismo e a República –, defendidos pela maioria dos autores lusos sobre os quais tecia seus comentários.

A esse respeito, é interessante sublinhar a interlocução entre os textos publicados na coluna *Letras e Artes* e os da coluna *Revista de Portugal*, textos esses de autoria de Gaspar da Silva. (Cabe, aqui, a propósito, observar que esse diálogo permeia o conjunto das colunas dos jornais pesquisados). Na edição de 21 de maio de 1876, Gaspar noticia a organização do Partido Republicano em Portugal: "O ultimo correio trouxe-nos a agradável e consoladora noticia de que está definitivamente organisado o partido republicano", sob a chefia de Latino Coelho, "que com a penna e com a palavra, há sempre defendido os direitos do povo". Ele

[20] Faz-se propaganda da revista *A República das Letras* por meio de um texto assinado por Lúcio de Mendonça e no qual se trata do romance de Eça de Queiroz na edição de 19 de abril de 1876. O escrito destaca o caráter combativo do romance *O crime do padre Amaro* às instituições sociopolíticas e à moral portuguesas. Por fim, a notícia de que viria a lume na revista editada por ele e Gaspar da Silva: "Não nos sentimos de animo, nem teríamos forças para uma critica do magnífico romance de Eça de Queiroz. Quizemos apenas fazer preceder esta rápida noticia á declaração de que vamos, os redactores da *Republica das Letras*, encetar, no próximo numero d'essa revista a publicação do *Crime do Padre Amaro.* Vulgarizamos assim, quanto podemos, uma excellente producção litteraria, difficil hoje de possuir por achar-se dividida em varios fasciculos de uma publicação estrangeira; e exornamos com paginas brilhantissimas o nosso periodico." *A Província de São Paulo*, 19 abr. 1876, p. 2.

[21] *Diário de Campinas*, 12 ag. 1876, n. 264, p. 3.

prossegue dando destaque aos nomes que compuseram o diretório executivo do partido: "o dr. Theophilo Braga, o erudicto autor da *Historia da literatura portuguesa,* e o distinto pamphletario João Bonança".[22] Por fim, mas não menos importante, menciona o nome de Guerra Junqueiro, por ele chamado de "illustre poeta", como secretário do partido. Constata-se, assim, que, sob a ótica de Gaspar da Silva, a literatura era indissociável da política – como também o era para seus coetâneos. Os autores por ele citados posteriormente ficaram conhecidos como pertencentes à Geração de 1870 e tiveram uma presença marcante nos jornais brasileiros. Gaspar da Silva exerceu igualmente um papel importante no diálogo entre as discussões político-literárias, diálogo esse que se estabelecia entre os dois lados do Atlântico. Sua primeira iniciativa de publicação de um livro, o já mencionado *Antes de soprar a luz*, indica a preocupação de fazer circular notícias e apreciações não só de autores portugueses no país ao qual chegara, mas de autores brasileiros em Portugal. Como pode ser observado na seguinte nota acerca do livro em questão, publicada no *Diário de Campinas*:

> Parte da edição deste livro é destinada a Portugal e parte ao Brazil.
> O intuito do autor é tornar conhecidos no seu paiz escriptores brazileiros, que lá são completamente ignorados e vulgarisar aqui litteratos da moderna geração de Portugal.
> Crê o autor que, levando em conta a effeito a publicação do seu livro, presta um bom serviço ás lettras dos dous povos irmãos.[23]

O Baudelaire de Lamego

Voltemos à carta de apresentação de Gaspar da Silva, citada no início desta parte do artigo. Ela suscitou, como já mencionado, uma controvérsia entre os letrados paulistas. Por quê? Um motivo seria o fato de ter sido publicada no contexto em que se estava festejando a segunda edição do livro de poesias *Estrelas errantes*, de Francisco Quirino dos Santos, proprietário do jornal campineiro *Gazeta de Campinas*. Em meio aos comentários elogiosos que figuraram nos três jornais pesquisados, o "Baudelaire de Lamego" [24] – expressão usada por Abílio Marques para se referir aos escritos de Gaspar da Silva em *A Província de São Paulo* – estaria desejando ensinar aos brasileiros a distinção entre a poesia lírica e a social e advogar em favor da última. Em um tom irônico, Marques afirma: "A lembrança do socialismo veio-lhe á mente ao passar o Equador. Nós por aqui também lemos e sabemos o que são os poetas

22 Id. Ib.
23 *Diário de Campinas*, 12 ag. de 1876, n. 264, p. 3.
24 MARQUES, Abílio. Cousas do sr. Gaspar da Silva. *Gazeta de Campinas*, 2 ago. 1876, n. 808, p. 1.

modernos".[25] Ao que parece, os textos de Gaspar da Silva provocaram uma atmosfera de defesa quanto à atualização do conhecimento da elite letrada brasileira, em especial da paulista. Nesse contexto do debate, outros textos defendem o espaço de produção da literatura para os nacionais, por meio de reclamações de que estaria havendo uma "invasão de bárbaros". Um exemplo é uma longa resenha do romance *Helena*, de Machado de Assis, feita pelo editorial da *Gazeta*: "Desgraçadamente atravessamos uma época em que as vastas e esplendidas províncias da literatura estão sendo victimas de uma verdadeira invasão de bárbaros".[26]

Ao acompanhar de maneira minuciosa o debate sobre a poesia nos jornais mencionados, nota-se que a recente credibilidade adquirida por Gaspar da Silva estava sendo arranhada. Ao publicar textos que, de maneira indireta, podiam ser vistos como crítica à forma romântica de fazer poesia – como a cultivada por Francisco Quirino dos Santos –, ele se indispôs com a elite letrada dos jornais ligados ao Partido Republicano Paulista (PRP), especialmente porque o poeta campineiro era um símbolo do literato paulista, um autor e homem de imprensa reconhecido não somente entre seus pares na Província de São Paulo, mas também fora dela.[27] Portanto, Gaspar da Silva estava a contradizer a tendência romântica à qual se filiavam as poesias do proprietário e redator de a *Gazeta de Campinas*. Quirino dos Santos era nome importante nas letras e no republicanismo paulista; aglutinava em torno de si uma plêiade de letrados paulistas, em virtude de sua condição de proprietário de um jornal que dava voz ao Partido Republicano Paulista (PRP). Além disso, para os propósitos deste texto, não se pode deixar de assinalar que Rangel Pestana – um dos proprietários e redator d'*A Província de São Paulo* – era casado com a irmã de F. Quirino dos Santos. Havia entre eles, por conseguinte, uma relação de parentesco estabelecida pelo casamento.[28] Com isso, há a hipótese de que os textos de Gaspar da Silva publicados n'*A Província de São Paulo*, em defesa da "ideia nova" e da "poesia social" (enfim, da poesia moderna) causaram-lhe dissabores.

---

25 Id. ib.

26 *Gazeta de Campinas*, 31 dez. 1876, n. 905, p. 1.

27 A esse respeito, ver: FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante:* letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Unesp, 2002.

28 Conforme Angela Alonso: "Além dos laços de sangue que uniam os irmãos Alberto e Campos Sales, Jorge de Miranda e Francisco Glicério, como o pai e filho João e Jorge Tibiriçá havia uma estratégia endogenista de casamentos entre os paulistas. Rangel Pestana casou-se com a irmã de José Quirino dos Santos; Jorge Tibiriçá e Campos Sales casaram-se com primas, solidificando assim o patrimônio familiar. Havia as figuras destoantes de dois tipógrafos, José Maria Lisboa, português de origem, e Francisco Glicério, preceptor dos Sales. Ambos juntaram-se ao grupo por sua profissão, no momento de fundação de seus periódicos." ALONSO, Angela. *Ideias em movimento:* a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 150.

A recepção morna e irônica que o livro *Antes de Soprar à luz* teve entre os seus recentes colegas, a ponto de a obra ser alcunhada "Antes de apagar a candeia"[29] pelo seu antagonista de Campinas, pode ser um indício do afastamento de Gaspar da Silva d' *A Província de São Paulo*. Esse jornal publica a seguinte nota sobre o livro:

> Se a crítica houver de se ocupar da presente obra, deverá atender a que todos os artigos aqui colleccionados foram escriptos sobre o *joelho*, sem prévio estudo sério.
> Os nossos leitores conhecem muitos desses escriptos que foram estampados nas columnas da *Provincia* e compreendem portanto que estamos escusados de dizer do livro mais do que isso, que o próprio autor, moço de talento, disse nas linhas citadas
> O sr. Gaspar da Silva revela aptidão para as letras, e o seu livrinho, comquanto nos pareça apenas um capricho da juventude, não compromete a sua inteligência nem desmerece a facilidade do seu estylo, já conhecido no jornalismo.[30]

Em 1877, os textos de Gaspar da Silva não mais figuram nas páginas d'*A Província de São Paulo*. Por meio de pesquisas em anúncios de livrarias, descobri que ele inaugurou a Livraria Internacional em outubro de 1876 e ficou à frente desse estabelecimento até fevereiro de 1878 (aproximadamente um ano e quatro meses, portanto). Nesse período, também foi colaborador do *Diário de Campinas*, o qual era acompanhado da inscrição "*Folha Popular*". Fundado por Henrique de Barcelos, nesse período o jornal tinha como editor Antonio Duarte de Moraes Sarmiento. Distintamente da *Gazeta de Campinas*, nesse jornal o credo republicano não estava dissociado da defesa da abolição da escravatura.[31] Em Campinas, Gaspar da Silva aproximou-se do grupo do *Diário*. Assim, uma das ideias que se estão configurando em consequência de parte da pesquisa do pós-doutorado, é a de que a polêmica relativa à oposição poesia social x poesia lírica, promovida por Gaspar da Silva, não se restringe a questões referentes à defesa dos princípios estéticos modernos na literatura, mas integram também um debate político.

De acordo com o que se está apresentando acerca da fase inicial da trajetória de Gaspar da Silva no Brasil, é possível afirmar: ele não mais era colaborador d'*A Província de São Paulo* nem proprietário da mencionada livraria em Campinas, no ano de 1878. Isso posto, como saber a respeito do rumo que tomou sua vida profissional?

---

29 *Gazeta de Campinas*. 2 de ago. 1876, n.808, p.1.
30 *A Província de São Paulo*. 10 de nov. 1876, p. 2.
31 Consultar: GALZERANI, Maria Carolina B. *O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna:* Campinas, décadas de 1870 e 1880. Campinas, 1998. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Na seção *Notas Quotidiana* do *Diário de Campinas,* encontra-se a informação sobre a suspensão da publicação de um jornal de Sorocaba: *A Gazeta de Sorocaba*. E, para minha surpresa, essa nota deu-me o conhecimento sobre o trajeto de Gaspar da Silva na imprensa paulista, após ele ter assinado diversas colunas publicadas diariamente n'*A Província de São Paulo* – como mencionado. Por essa razão, considero que ter uma ideia do conjunto dos jornais pesquisados (ler as edições em sua íntegra) é um procedimento metodológico que pode ser frutífero. E, de fato, foi. Descobri, por exemplo, que ele passou a ocupar o cargo de redator do periódico *A* Gazeta *de Sorocaba*:

> O redactor, sr. Gaspar da Silva, explicando a causa da suspensão, deu-nos a saber que provinha ella da falta de cumprimento da parte do proprietário como deveres anteriormente estipulados. [...] Inquestionavelmente, o sr. Gaspar da Silva era um consciencioso redactor. [...] E a gazeta, se cometeu erros, teve também uma grande virtude – disse quasi sempre a verdade núa e crúa.[32]

No itinerário de Gaspar da Silva na imprensa paulista – da qual se apresentou uma pequena amostra –, é notável sua dificuldade para se estabilizar profissionalmente. Em menos de três anos (março de 1876 a novembro de 1878), ele percorreu os principais jornais da Província de São Paulo, passando pela Capital (São Paulo), Campinas e Sorocaba. A dificuldade há pouco apontada, não era, entretanto exclusividade de Gaspar da Silva. Afinal, não havia delineado, no Brasil, um campo autônomo para as Letras, que estavam associadas à política, o que tornava a profissão de "jornalista" – que consta na certidão de óbito de Gaspar – uma tarefa a ser permanentemente afirmada.

Após a experiência na Província de São Paulo, Gaspar da Silva mudou-se para a Uberaba, onde continuou nas lides da imprensa, ocupando o cargo de redator da *Gazeta de Uberaba.* E, em 1881, passou a ser um dos diretores de *O Tiradentes*, novo jornal da cidade. [33] Em Uberaba, conforme informação presente na análise de Domingos Silva, permaneceu por pouco tempo, tendo retornado à cidade de São Paulo:

> Em 1882 estava de novo na capital paulista, onde foi, indiretamente, homenageado pelo estudante Raimundo Correia, que celebrou nos cinquenta tercetos do poema "Luisinha" a "primavera da primeira idade" de Maria Luísa

[32] *Diário de Campinas*. 14 nov. 1878, n. 921, p.1.

[33] SILVA, Domingos Carvalho. Gaspar da Silva: agitador das letras no Brasil. *Revista Colóquio/Letras.* Ensaio, n. 106, nov. 1988, p. 34. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.5494)>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

> Antonieta, filha única do agitado jornalista. Nesse poema, mais tarde incluído nas *Poesias* de Raimundo, há uma referência ao avô da Menina, Carlos Marquois, um "ancião de rosto austero e duro/de níveas barbas e cabelo níveo".[34]

Como apontado no ensaio de Domingos da Silva, ele retornou para São Paulo em 1882, época em que já havia constituído família. E, pelo que se pode depreender do excerto acima reproduzido, Gaspar da Silva e o poeta Raimundo Correia eram próximos. Na verdade, ainda segundo dados do ensaio citado, quando de seu retorno para São Paulo, fez parte do grupo do *Jornal do Comércio*, de São Paulo. Tratava-se de um periódico abolicionista, que tinha como editor o jovem Raul Pompéia, Antonio Bento como redactor-chefe e T. Militão de Miranda como gerente. Gaspar da Silva ocupava o cargo de redator.

Essas informações reforçam a ideia que lancei neste texto: a de que a celeuma sobre a poesia extrapolava as questões estéticas: era também política. Não obstante os diversos indícios encontrados, ainda é necessária uma certa cautela, ou seja, uma investigação mais ampla sobre a atuação de Gaspar da Silva em São Paulo, a fim de que se possam obter mais subsídios para fundamentar o argumento de que ele não manteve relações estreitas com a elite letrada ligada ao PRP e aos jornais nos quais atuou assim que chegou ao Brasil, durante a sua permanência na cidade de São Paulo, na década de 1880. Até porque parece que esteve mais próximo dos jovens poetas de fora da província, que estavam em São Paulo para cursar a Faculdade de Direito, caso de Raul Pompéia e Raimundo Correia, assim como da comunidade da colônia portuguesa de São Paulo. Essas considerações são reforçadas pelo fato de Gaspar ter-se casado com uma francesa, Clotilde de Marquois, filha de Carlos de Marquois, médico homeopata e vice-cônsul da França em São Paulo.[35] Esse fato ainda destoa da endogenia que os casamentos almejavam, defendida, e mesmo empreendida, pelo grupo ligado ao PRP e aos jornais *A Província de São Paulo* e a *Gazeta de Campinas*.

---

34 Id. ib., p. 34.

35 Cf. pesquisa de Vanessa Bivar "Recém-chegado à cidade em 1855, Carlos Marquois, em breve agente consular da França em São Paulo, era médico homeopata. Inicialmente, o que denota sociabilidade e ajuda entre patrícios, Marquois dava consultas das 8 h às 10 h da manhã e 3 h até as 5 h da tarde na Rua do Rosário, 56, em casa de Emílio Vautier. Seu único anúncio enquanto médico ao longo do período estudado contém essas informações. Porque nos demais passava a atuar tão-somente como agente consular ou vice-cônsul francês conforme era ". BIVAR, Vanessa. Histórias de vida: a saga de imigrantes franceses em São Paulo (século XIX)". In: *Revista Territórios e Fronteiras.* v. 2, n. 2, jul-dez, 2009, 148. Distintamente do que afirma a autora, encontrei diversos anúncios da década de 1870 referentes ao consultório e aos remédios homeopáticos do Dr. Carlos Marquois, nos jornais que pesquisei. Só para citar um exemplo (que, aliás, aparece abaixo do anúncio do livro Antes de soprar à luz, citado neste texto: "Laboratório Homeopátio do Dr. Carlos Marquois, 33 Rua da Imperatriz 33, S. Paulo. Recebe consulta sobre qualquer enfermidade. Ultimamente recebeu diretamente de Paris todos os medicamentos necessários. Os fazendeiros podem fazer aquisição de uma caixa que contém remédios preciosos." *Diário de Campinas*. 12 ago. 1876, n. 264, p. 3.

Na pesquisa que realizei na Biblioteca Nacional de Portugal, encontrei a publicação de um artigo do Visconde de São Boaventura sobre o jovem poeta Artur Barreiros, residente na cidade do Rio de Janeiro, no jornal *O Correio da manhã*, de Lisboa. O título desse artigo é *Bohemia litteraria de há dez anos (Arthur Barreiros)*.[36] O texto é importante, porque a partir dele localizei o grupo letrado com o qual Gaspar da Silva se identificava e de cujas ideias literárias e políticas provavelmente comungava. No artigo referido, ele rememora sua ida para a cidade do Rio de Janeiro, em 1885, e o encontro com seu amigo Fontoura Xavier, que havia conhecido em São Paulo. Xavier dividia um quarto com Arthur Barreiros na cidade do Rio de Janeiro. Além desse poeta, Fontoura Xavier apresentou a Gaspar vários outros jovens escritores:

> Apresentou-me ao Artur Azevedo, ao Alberto de Oliveira, ao Thomas Alves, ao Lopes Trovão, ao Patrocínio, ao Barreiros, a todos aqueles adoráveis rapazes, que n'esse tempo, constituíam a Bohemia litteraria, cujas sessões se celebravam, as mais das vezes, no café do Cruzeiro, sito á rua do ouvidor.[37]

Gaspar da Silva narra que passou a noite conversando com Arthur Barreiros, o qual lhe perguntou a respeito de vários escritores que estudavam em São Paulo:

> Barreiros, depois de me perguntar pelo Affonso Celso Junior, pelo Theophilo Dias e por todos os rapazes de São Paulo, que constituíam n'esse tempo o grupo literário da Academia – grupo relativamente numeroso e notabilíssimo, de que faziam parte, além dos nomeados – Assis Brasil, Raymundo Corrêa, Valentim Magalhães, Augusto de Lima e outros.[38]

Muitos desses jovens rapazes citados por Gaspar da Silva foram designados por Antonio Candido como os primeiros baudelairianos no Brasil dos anos 1870 e começo dos 1880, com destaque para Fontoura Xavier, Arthur Barreiros, Teófilo Dias, Alberto de Oliveira e Carvalho Júnior, os quais, na opinião de Candido, apropriaram-se d' *As Flores do mal*, de Charles Baudelaire, e ressignificaram essa obra.[39] Com relação às reflexões que se vêm desenvolvendo neste texto – a rede de relações de Gaspar da Silva –, vale registrar que Candido, para caracterizar esses poetas, se vale da definição de Arthur Barreiros,[40] ou seja,

---

36 *Correio da Manhã*, Lisboa, 14 de ago. 1895, n. 3: 365, 2-3.

37 Id.

38 Id. ib.

39 CANDIDO, Antonio. Os primeiros baudelairianos. In : *A Educação pela noite & outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1989.

40 Segue sua apreciação crítica das poesias de Carvalho Júnior: "Compõem a segunda parte dos *Escritos póstumos* os primorosos sonetos, escritos ao jeito de Baudelaire e modificados ao mesmo passo pelo temperamento e pela individualidade do poeta. Assim, ganharam um tom menos satânico e mais quente

exatamente daquele que se tornou amigo íntimo de Gaspar da Silva. As marcas da presença de Baudelaire na poesia brasileira da época, para esse poeta, eram o "satanismo atenuado" e a "sexualidade acentuada". Na leitura de Antonio Candido, essa geração de poetas:

> [fazia] do sexo uma plataforma de libertação e combate, que se articulava à negação das instituições. Eles eram agressivamente eróticos, com a mesma truculência com que eram republicanos e agrediam o Imperador, chegando alguns ao limiar do socialismo.[41]

Sem entrar na discussão específica sobre as características da poesia realizada por esses jovens, interessa-me associá-la ao debate que, em 1876, Gaspar da Silva suscitou – e trouxemos para este artigo – com os seus textos sobre a poesia social. Ele tinha aproximadamente 21 anos, era um leitor e admirador de Guerra Junqueiro – cultivador da "poesia socialista" – além de, segundo ele próprio, ter estado na pátria de Baudelaire. No ano de 1885, quando esteve no Rio de Janeiro, o futuro Visconde de São Boaventura estava à frente do jornal *Diário Mercantil*, de São Paulo. Embora eu ainda não tenha realizado um exame minucioso desse jornal, na pesquisa inicial, julgo ser possível dizer que vários daqueles poetas, como Teófilo Dias, e o autor de *Opalas,*[42] publicam com certa frequência em seu jornal. Talvez por isso Brico Broca tenha comparado o *Diário Mercantil*, de São Paulo, à *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro − isto é, por abrir espaço aos jovens poetas.[43] Também ainda é preciso investigar melhor a questão, mas tudo indica que Gaspar da Silva fazia parte do círculo de Ferreira de Araújo e Lino de Assunção. O que se pode afirmar com certeza é sua proximidade com Valentim Magalhães, um homem de imprensa que dirigia a revista *A Semana*, no Rio de Janeiro. Por ocasião da fundação do jornal de Gaspar da Silva na capital paulista, foi publicada a seguinte nota:

> Completou no dia 15 corrente o seu primeiro anno de existencia este excelente jornal que publica em São Paulo. Com tão pouco tempo de vida, tem,

---

que os do modelo. É a poesia a febre, da sensualidade, do prazer levado até a dor, do beijo que fere, do amor que rasga as veias, num deslumbramento e num delírio, para beber o próprio sangue. Neste descompassado amor à carne, certo deve de haver o seu tanto quanto de artificial; mas, como observa Th. Gautier nos versos das *Flores do mal*, e eu noto nestes, a poesia pode ser má; comum nunca é." Apud CANDIDO, Antonio, op. cit., p.25-26.

41 Idem, p.26.

42 Em 1905, surgiu em Lisboa uma edição especial do livro de poesias *Opalas*, de Fontoura Xavier, com uma crítica do Visconde S. Boaventura. Tendo em vista a relação que ambos estabeleceram no Brasil, a mencionada edição pode ter sido uma iniciativa do nosso jornalista. FONTOURA, Xavier. *Opalas* (Edição definitiva, muito augmentada) com prológo de Annibal Falcão e um juízo critico do Visconde de S. Boaventura. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1905.

43 BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas*: vida literária do realismo ao pré-modernismo. Campinas, SP: Edunicamp, 1991, p. 227.

> no entanto, o Diário consolidado o seu futuro na simpatia e no apreço publico, não só de São Paulo como d'esta corte, onde é lido com satisfação. Independente, bem informado, alegre, variadíssimo, inspirado nas ideas modernas e nos mais generosos e são princípios sociais e políticos, apaixonado pelas artes e pelas letras, tem esse novo órgão da imprensa paulista sabido ilustrar e honrar a instituição poderosa que representa, e que é a principal do século.
> O Jornalismo brasileiro pode rever-se lisonjeado e contente no importante periódico paulistano.
> A Gaspar da Silva e Léo d'Affonseca, seus redactores – cordiais felicitações.[44]

Além dessa boa recepção pelo jornal no Rio de Janeiro, foi publicada uma nota pelo *Diário Mercantil*, já nos seus primeiros meses de existência, no alto da primeira página do jornal sobre os seus representantes fora da cidade de São Paulo. Na Corte, "recebem annuncios os srs. Faro e Lino, rua do ouvidor 74".[45] Trata-se de uma referência à editora/livraria dos portugueses Faro de Oliveira e Lino Assunção, denominada *Livraria Contemporânea Faro & Lino*, do Rio de Janeiro. É um pequeno indício, mas muito importante. Lino de Assunção, juntamente com Henrique Chaves, foi redator da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, de Ferreira de Araújo, que ficou à frente desse jornal até 1900.[46] Com mais subsídios, e nuançando as experiências, pode-se dizer que os itinerários desses homens se encontraram no projeto de conceber o papel da imprensa e a forma de fazer jornalismo.

Podemos finalizar este texto chamando a atenção para o deslocamento geográfico realizado por Gaspar da Silva e tantos outros estrangeiros que atuaram como livreiros, editores e jornalistas no Brasil: Portugal-França-Brasil. Com relação ao retorno a Portugal – mesmo não sendo pelos mesmos motivos –, a rota foi similar: Brasil-França-Portugal. Gaspar retornou para a Europa em 1890, com o objetivo de tratar da saúde de sua esposa, Clotilde Marquois da Silva. No entanto, como se soube por intermédio de uma nota publicada no jornal *O Mercantil*, de São Paulo, ela faleceu na capital francesa:

---

44 *A Semana*, 18 abr. 1885, n. 16, p.6.

45 *Diário Mercantil*. 19 abr. 1884, p. 1. Nessa data apareceu pela primeira vez o anúncio. Reproduzo-o: "Na redação desta folha, a rua de S. Bento, n. 37, e na typographia, á rua de Santa Tereza, n. 2, recebem-se annuncios até as 8 horas da noite. O *Diario mercantil*, recomendado para todo o interior da província por algumas das principais firmas comerciais d'esta praça, conta já com grande circulação, o que é, incontestavelmente, de grande vantagem para os srs. anunciantes. Na corte, recebem annuncios e assignaturas os srs. Faro & Lino, rua do ouvidor, 74. Em Santos, o sr. Arthur Bastos. Em Casa Branca, os srs Macedo & Comp. Na edição do dia 24 de abr, n. 9, p. 1, a lista de representantes é acrescida de outras oito localidades. Isso denota um empenho para o aumento de assinaturas e de anunciantes.

46 Essas informações advieram da leitura do artigo: ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: *Gazeta de notícias* e a crônica. In: *Contemporanea*, n. 7, 2006. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/06CLARA.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

> **D. Clotilde de Marquois**
> A 23 [janeiro de 1891] realizaram-se em Paris e com grande solenidade, os funeraes de D. Clotilde Marquois da Silva, virtuosa esposa de Gaspar da Silva. Muitas e ricas grinaldas de saudade foram colocadas sobre o caixão; numeroso préstito, composto da colonia Portugueza, da brasileira e alguns escriptores franceses, acompanhou até o cemitério os restos mortaes da respeitável senhora. Compareceu o Visconde de Ouro Preto.
> Possam estes testemunhos de consideração pessoal servir de lenitivo ao acabrunhamento da alma inconsolável do viúvo.[47]

Neste artigo, procuramos (re) construir parte do itinerário de Gaspar da Silva como um "mediador cultural" entre Brasil e Portugal. Ele se deslocou da Europa para os trópicos e atuou na imprensa brasileira por um período significativo (quinze anos), tendo se destacado nas lides da imprensa, sobretudo por divulgar o repertório da literatura portuguesa e questões relativas à política de seu país de origem. Ademais na época em que exerceu suas atividades, esses dois campos relacionavam-se aos literatos, tanto portugueses quanto brasileiros. Portanto, estas intervenções do jornalista e/ou homem de letras no contexto brasileiro foram pensadas não sob o prisma de influências, e sim pela via das interlocuções entre o repertório político-literário das duas nacionalidades.

47 *O Mercantil*, 27 jan. 1891, n. 1921, p. 1. O Jornal *Diário Mercantil*, de Gaspar da Silva, desde 1890, passou a chamar-se *O Mercantil*. De propriedade do dr. Felipe Gonçalves dos Santos, sua redação estava sob a responsabilidade dos doutores João e Adolpho Araújo. Cf. FREITAS, Afonso. *A imprensa periódica de São Paulo desde seus primórdios em 1823 até 1914.* SP: Typographia do Diário Official, 1915.